

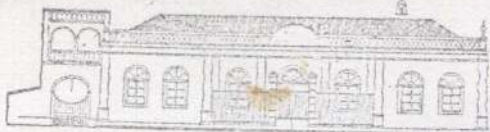
SALUSTIANO LOPES DE BRITO

“A Tomada de Faro” (Alocução)

**As “Memórias Paroquiais”
da Cidade de Faro**



FARO ● 1988



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

~~5-534~~
Biblioteca

Inv. N.º 751

Cota N.º 708

*all
all
Cristina*

~~10-18-13~~



ANTÓNIO SALUSTIANO LOPES DE BRITO

Licenciado em Ciências Sociais e Políticas pelo actual Instituto Superior do mesmo nome, da Universidade Técnica de Lisboa, obteve a classificação de bom no exame de licenciatura cujo trabalho de investigação foi subsidiado pelo então Instituto de Alta Cultura e diplomado com os cursos de pós-graduação de Bibliotecário-arquivista, da Faculdade de Letras de Coimbra e Étage International des Archives, do Ministério da Educação de França Paris, 1979). Desempenhou diversos cargos de direcção e chefia e foi conservador no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. No Arquivo Distrital de Faro foi o primeiro Director, desempenhando, actualmente, aquele cargo.

Alguns trabalhos do autor:

— *Imagem do Lar Residencial de Alcobça: Alguns indicadores para o estudo da assistência social dos idosos, Lisboa, ed. do autor, 1973 (dissertação de licenciatura): Trabalho subsidiado pelo Instituto de Alta Cultura.*

— *Subsídio Bibliográfico para o Estudo do Poeta Algarvio Emiliano da Costa, Coimbra, ed. do autor, 1971;*

— *Dos Arquivos Distritais e do Valor Histórico-sociológico do Seu Património: Comunicação, in «III Congresso Nacional sobre o Algarve», Montechoro, Racial Clube de Silves, 1984.*

— *O Património Cultural do Algarve e a Poesia de Emiliano da Costa: Comunicação in «IV Congresso Nacional sobre o Algarve», Montechoro, Racial Clube de Silves, 1986.*

— *Guia do Arquivo Distrital de Faro, Faro, Arquivo Distrital, 1986.*

A TOMADA DE FARO*

I

A nossa cidade situa-se numa área de férteis planícies e junto a uma rica laguna marítima. Por ser, também, dotada de porto e ter bom clima, deveria, certamente, ser habitada desde os primórdios da civilização.

Seria das povoações em que primeiro a profissão de pescador se autonomizou da de agricultor. Cedo constituiria, pois, um burgo com muralhas envolventes e atalaias exteriores.

Diversos topónimos, ao longo dos tempos, lhe teriam sido atribuídos mas ficou a ser Ossónoba o que se veio a tornar mais notável. Em fenício «Ossón», significava armazém e «obá», juncal — o que, até certo ponto, justificaria a sua situação, nesta zona sedimentar. O burgo, talvez de origem púnica, já era cidade de fama no tempo dos Césares, cunhando moeda e intitulando-se «República» e, mais tarde, sede de Bispado, apenas dois séculos depois de Cristo. No primeiro período árabe ainda era cidade florescente.

O mosaico «do Oceano», encontrado próximo da Vila-a-Dentro, revela dizer respeito a uma urbe marítima, voltada para o exterior e de vocação universal. Já citada por historiadores antigos salientemos como, depois, se lhe referiu Rásis — célebre geógrafo árabe —, ao afirmar ser, entre as de igual grandeza, a melhor do mundo da sua época. Mas, gradualmente, entra num período de decadência. Por seu turno, aquele nome começou a cair em desuso para, apenas, se vir a conhecer por Xanta Maria, antes de meados do século VII. Tal facto ficou a dever-se à devoção e fama a esta Santa cuja imagem era «de pedra bem feagrada», segundo a cantiga 183 de Afonso X, o Sábio. Com efeito, o culto àquela Santa, ligado ao do Mar, que tinha a imagem sobre as muralhas, chegou ao ponto de lhe serem consagradas peregrinações de núcleos de cristãos. Vinham em romarias de fé de diversos pontos da Península. Ainda é desses tempos a lenda da Igreja do Corvo e dos corvos algarvios que fizeram a guarda de honra ao corpo de S. Vicente do Cabo a Lisboa e, certamente por isso, ainda hoje está presente, no escudo de armas de Lisboa.

* Alocução proferida durante as Comemorações da Tomada de Faro — 28.Março 1987

Possivelmente o poder e o prestígio da comunidade moçárabe e a tolerância religiosa dos muçulmanos, mobilizaram o culto de Maria — numa cidade islâmica —. Este ir-se-ia transmitir, ao longo dos séculos, particularmente pelos mareantes.

A partir de 1031 o Império Omajjade, da Ibéria, subdivide-se em principados independentes. Ibne - Hárune ficou a governar Santa Maria. A cidade passou a ser conhecida por Xanta Maria al Garb Harun. Com o andar dos tempos foi evoluindo para Sanctam Mariam de Ffaarō, Faaron, Santa Maria de Faron (1250), Fáram e Fárão. Só no século XVI se passou a chamar Faro. Era a Santa Maria de Faro, dos navegantes e pescadores.

II

Estava-se no ano histórico de 1249. Afonso III de Portugal não sentia grandes dotes para guerreiro e, por seu turno, a grave crise político-social do País, mais do que nunca, recomendava a sua presença. Contudo, entretanto, urgia organizar uma expedição para ocupar as terras que, em al Garb, restavam sob o domínio muçulmano. De facto, por outro lado, parecia-lhe acentuada a tendência de declínio dos pequenos principados árabes do Sul, sem ajudas regulares e externas asseguradas. Por outro, eram grandes as aspirações de domínio daquelas áreas, especialmente por parte do poderoso Fernando III de Leão e Castela e, posteriormente, pelo já referido Afonso X que, aliás, acabaria mesmo por levantar, concretamente, a questão de reivindicar o Algarve —. O problema só viria a ser solucionado em 1263 —. Ora o Rei português não queria correr o risco de ficar encurralado nos seus estreitos limites territoriais. Pretendia, por tudo isto, assegurar, se possível, o prolongamento natural de Portugal até ao litoral Sul. Deveria procurar ocupar Faro e as restantes praças antes que Leão e Castela tomasse idêntica iniciativa. Previa, pois, já então, a importância geo-estratégica do Algarve, como fronteira marítima para a África e Mediterrâneo. A retomada em causa, para a esfera do mundo cristão seria, por sua vez, gesta bem aceite pela Igreja, ela própria ora, também, movida por interesses religiosos e político-seculares.

Consumada a retomada, o Rei, prudente e tolerante, consegue poupar vidas entre ambas as partes e decide: «que nenhũ não fizesse nenhũ nojo (dano) a nenhũ Mouro» e que pagariam os mesmos tributos que antes entregavam ao Miramolin de Marrocos, segundo narra Fernão Lopes. Concede foral à Vila e, posteriormente, aos mouros forros que aqui desejassem permanecer. De facto, muitos optaram por ficar, por já pouco se sentirem ligados ao Norte de África.

Consolidada a unidade geo-política continental prolongar-se-ia a epopeia algarvia dos cavaleiros pelos Algarves. E de tal forma esta gesta se tornou famosa, que iria ser usada pelos Reis de Portugal, como título, ainda até ao presente Século!. A tomada de Faro e a consolidação do Al Garb fora, com efeito, o primeiro passo para modificar os destinos nacionais tendo, até, ainda, reflexo na actual Bandeira Nacional. Mas seria a partir do século XV que se começaria a nova epopeia dos navegadores, algumas

vezes quase só constituída por mareantes algarvios e se descobrira, afinal, que a vocação de Portugal era não só europeia mas, tipicamente, atlântica e ecuménica, pela expansão marítima. Oliveira Martins diz, na sua feliz expressão: «ficámos a dever ao Príncipe-Navegador uma segunda Pátria e a civilização universal das duas ou três maiores conquistas fundamentais. Afinal seria em terras algarvienses onde a vocação atlântica portuguesa se forjaria e daria os primeiros passos.

III

Mas como seria, em 1249, sob o ponto de vista histórico-arquitectónico, Sanctam Mariam de Ffaarõ?

Limitar-nos-emos a descrever pouco mais do que existiria neste morro onde nos encontramos (2). Não dispomos, contudo, de fontes documentais suficientemente válidas. Arriscaremos, por isto, as seguintes hipóteses, baseando-nos, em parte, em alguns dados arqueológicos.

Antes de mais, para nos orientarmos, lembremos as portas das muralhas. A Porta Nova, mesmo aqui, à direita, só existiria depois do século XV ou, mesmo, XVI. No lado ligeiramente oposto (Noroeste), ficaria a Porta, depois chamada dos Freires e, posteriormente, do Repouso. Ao que julgamos, contudo, não seria assim denominada por ali, junto de um nicho, ter repousado um Rei Vitorioso mas, isso sim, por próximo daquela Porta se fazer o repouso (paragem) das procissões. Serviria de passagem terrestre — o que não quer dizer que, nas marés vivas, as águas não a alagassem como, aliás, sucedia à volta da muralha —. Outra porta situar-se-ia no lugar do actual Arco da Vila. Era a Porta da Vila, depois chamada de Rui Barreto, voltada para a Praça que, mais tarde, seria conhecida por da Rainha. Ao lado viria ter um corredor onde, posteriormente, se erigia uma capelinha dedicada a Nossa Senhora de Entre - Ambas as Águas. Foi mandada construir pelos mareantes, no princípio do século XV. Depois seria dedicada a Nossa Senhora do Ó. Já recentemente foi transformada em sala do Governo Civil e, depois, do Posto de Turismo. Finalmente lembremos a outra porta, situada no lado oposto, (Oeste) que se chamaria Porta do Mar. Chegou a ser um autêntico porto com patamar e acessos próprios de embarque.

O Largo onde estamos, não existiria. Poderia haver, quando muito, um terreiro e, de certo, um quarteirão de casas de taipa, com ruelas sinuosas e estreitas.

A Sé romano-gótica que vemos, em frente, ainda não se comprovou ser, então, a Mesquita. Não teria, contudo, a actual escadaria de acesso.

O Paço Episcopal, aqui à esquerda, só seria erigido no século XVII e aí funcionaria o Seminário que, ainda na centúria seguinte, viria a ser construído no lugar actual.

No espaço agora ocupado pelos Paços do Concelho seria, provavelmente, um edifício público, mais tarde chamado «Casas da Câmara».

Um paredão ligaria as escadas do arco da antiga Rua do Jardim (depois do Liceu e actual Monsenhor Boto), até ao local da Porta Nova.

O Castelo e as Muralhas de que existem restos de uma grande forta-

(2) A presente alocução foi feita no Largo da Sé.

leza medieval, praticamente, foram sendo construídas ou restauradas pelos povos que por aqui passaram, conforme os seus interesses político-militares mas a primeira fortaleza teria consistido talvez, num castro lusitano.

A actual Rua do Município desceria ao lado do citado edifício público e, depois, seria conhecida por rua e calçada do Aljube (prisão eclesiástica) ou do Bispo. As antigas ruas que viriam a chamar-se Garcia de Palermo ou dos Cónegos (actual Rasquinho) e a do Jardim (actual Monsenhor Boto), corresponderiam a artérias muito antigas que circundavam as muralhas.

O Largo que viria a chamar-se das Freiras, (actual D. Afonso III), também não existiria. Ali situar-se-ia uma torre gótica e um pequeno quartirão de casas de taipa.

Enfim, a Vila a Dentro prolongar-se-ia para fora da muralha, por forma dispersa, pelos morros, com algumas atalaias e pontes sobre as valas. A ria, em frente, viria a chamar-se «Pateira» e, já então, certamente, ofereceria uma bela paisagem.

IV

Mas que mais recebemos em 1249?

As populações islâmicas do Al Garb e, mesmo as de Marrocos, legaram-nos uma rica herança cultural. Ao longo de cinco séculos ficou bem marcada a sua história, cultura e maneira de ser e estar no mundo. Em todas as áreas, vários nomes soaram bem alto, designadamente, na poesia algarvia. Lembremos o honroso exemplo do património cultural arábico-algarvio, dado por Al-A 'lam, gramático e poeta-sábio, de Santa Maria. Mas se a civilização islâmica não consolidou mais as suas raízes culturais foi por os muçulmanos terem etnias algo heterogêneas, limitações do Alcorão e acentuado espírito de tolerância na língua e religião, ao contrário do sistema autoritário do império romano que, séculos antes, eliminou, quase totalmente, as diferenças culturais e linguísticas dos povos indígenas. Contudo, na literatura, ciências, artes e nas tecnologias, especialmente agrícolas, atingiram o mais elevado nível da Europa. Deixaram-nos influências, tão profundamente vinculadas que, hoje, subsistem, passados que foram mais de sete séculos.

Com efeito, os árabes foram portadores de uma cultura avançada, para a época. Provocaram o gosto pelo estudo dos mestres antigos e o ressurgimento científico e filosófico que se espalhou por quase toda a Europa. Mas tão rica herança que recebemos, carece de um exaustivo levantamento sob pena de se perder tão válido património que, simultaneamente, bem podia contribuir para uma maior aproximação dos povos. Convinha também, por seu turno, que a história da cultura árabe, na Península, fosse estudada no ensino secundário, tão valioso é o seu património comum, como, recentemente, lembraram Garcia Domingues e Maria do Carmo Calado Nunes.

De facto, ainda subsistem grandes afinidades entre as nossas civilizações mas que não têm sido desenvolvidas. Vejamos, sucintamente:

a) A proximidade histórica que ligou, na Península e no Norte de África, os nossos povos ribeirinhos, da bacia mediterrânica;

b) O denominador comum antropológico-cultural e os valores que se conjugam na organização das nossas sociedades, designadamente no que há de similar no culto das religiões tradicionais, de cada uma, na veneração a Jesus, Maria e admiração a João Baptista. Tais afinidades, especialmente ligadas à mística cristã, chegaram já ao ponto de ter sido proposta uma oração conjunta para se manter algo da cultura e dos nossos valores espirituais comuns;

c) A coincidência ou proximidade económica nas produções agrícolas e actividades industriais e artesanais. Lembremos, por exemplo, que Faro, em tempos de grande crise, já pediu cereais a Tânger e o mesmo fez esta cidade, em situação idêntica;

d) Enfim, recordemos que estamos inseridos numa cultura atlântica e mediterrânica — por vezes ligada politicamente, ao longo dos séculos — bem como possuímos bastante de comum no nosso património cultural, designadamente histórico-arquitectónico, apesar dos terramotos e, por vezes, da ignorância dos homens, por tais valores.

Estão, pois, de parabéns, as cidades — irmãs Faro e Tânger pela geminação efectuada em 1985. Que se estudem mais e melhores formas de intercâmbio cultural e trocas materiais, se possível com suporte economicamente viável! Que esta geminação continue a crescer e dê bons frutos para exemplo dos outros municípios e para bem e maior aproximação fraternal dos nossos povos!

SALUSTIANO LOPES DE BRITO

Cidade de Faro

Memórias Paroquiais
da
Cidade de Faro

INTRODUÇÃO

Ainda que tivesse havido diversas tentativas de inquéritos antes e depois do grande terramoto de 1755, designadamente 1721 e 1756, foi o interrogatório de 1758 que terá abrangido, praticamente, a totalidade do País.

Por ordem de sua Magestade D. José foram enviados a todos os párocos das freguesias um memorial impresso com os quesitos elaborados pelo Padre Luís Cardoso, académico de número, da Academia Real de História, sobre as terras, rios e serras existentes no «distrito» da respectiva freguesia.

As autoridades eclesiásticas satisfizeram, com grande interesse, esta solicitação e as respostas foram chegando entre 1758 e 1759. Mais tarde foram coligidas e formaram 44 códices que ficaram a ser conhecidos por Memórias Paroquiais.

Foram, depois, reunidos na Biblioteca do Convento das Necessidades. Com a extinção dos institutos religiosos passaram a ser integrados na Biblioteca Real da Ajuda. Contudo, daqui foram transferidos para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo por terem sido considerados propriedade do Estado e não da Coroa, apesar dos fortes protestos do então Bibliotecário, Alexandre Herculano ⁽¹⁾.

Com efeito, o terramoto sobre o qual mais se escreveu no nosso País, devastou imensos edifícios deixando outros em ruína iminente a ponto de haver ruas, em Lisboa, por exemplo, que pareciam um pinhal de madeiras e se aproveitaram todos os mastros e vigas que o mar ainda deixara. Assim, por todo o País, houve que tomar medidas de emergência, tanto mais que houve quem se aproveitasse desta situação catastrófica, servindo-se dos seus baixos instintos. O problema da carência da habitação levou ao ponto de a própria família real se ter de instalar num improvisado abarracamento na Ajuda. Foram concedidos privilégios incentivando a ajuda ou premiando a honra de uns e tomando medidas muito severas, para outros.

As informações prestadas pelos párocos — entidades culturalmente prestigiadas na época, no ambiente geográfico, político, religioso e sócio-económico de então —, reproduzem um valioso mosaico da História e das instituições do século XVIII.

Dado, pois, o grande interesse desta fonte manuscrita para o estudo da história regional, concretamente da cidade de Faro, decidi proceder à

sua transcrição, aliás como estou a fazer, para publicar, em relação a todas as freguesias do Distrito.

Trabalhei o texto destas «Memórias», procurando torná-lo mais acessível ao estudioso, mas sempre com o objectivo de não o desvirtuar. Desenvolvi as abreviaturas mas respeitei as peculiaridades ortográficas de cada pároco procurando, assim, a unidade do conjunto e não me afastar do testemunho desta preciosa fonte documental.

Enfim, prestar algum contributo para desmistificar a investigação histórica e divulgar as fontes de forma a que todos lhe tenham acesso, foi o que me motivou a fazer este trabalho. Como nos ensina Paul Veyne, em «Comment on écrit l'histoire» (Paris, p. 15), «Par essence, l'histoire est connaissance par documents».

Na parte final, em anexo, achei, também, de interesse, reproduzir os citados quesitos aos interrogatórios.

2

«CIDADE DE FARO

Freguezia da Santa Igreja Cathedral, pelo que pertence à terra.

1.º Esta Cidade de Faro he a mais notavel, e populoza, que de presente ha neste Bispado, e Reino do Algarve: he Capital desta Diocezi, e Cabeça do Termo, e Comarca de Faro. Contem duas Igrejas Parochiaes, huã a desta Santa Sé, de que sou Reitor; e outra a Matriz Collegiada de Sam Pedro.

2.º Não he de El Rey, mas sim de Donatario, que ao presente e he a Serenissima Rainha Nossa Senhora.

3.º Tem esta freguezia mil e outenta vezinhos, ou fogos, os quaes contem quatro mil pessoas entre maiores, e menores, excepto os que ainda não são de confição.

4.º Está situada em hum baxo quaze plano ao pé das rias, que lhe entrão do mar, do qual dista huma legoa. Desta Cidade se descobre só a Aldea de Santa Barbara, que dista della huã grande legoa.

5.º O seu Termo compreende os lugares, e freguezias de São João da Venda, Estoy, Sam Bras, Conceição, Pixão, Quelfes, Olhão, e parte da freguezia de Santa Barbara, e parte da freguezia de Moncarapaxo; e do número dos vezinhos que tem cada huã das ditas Aldeas e freguezias; darã conta o seu Parocho:

6.º Está esta Santa Igreja não só dentro da Cidade, mas tambem dentro da Fortaleza, e mui vezinha ao Castelo desta Praça: não compreende a freguezia lugares alguns ou Aldeas; pois os suburbios desta Cidade não contem mais que ortas, e quintas.

7.º O seu orago he Nossa Senhora da Assumpção: alem do Altar

Mor, que he dedicado á dita Senhora, tem mais nove Altares, ou Capelas pela ordem seguinte: da parte do Evangelho está a Capela do Santissimo Sacramento, a da Senhora da Conceição, a das Almas, a da Senhora do Rozario e a do Senhor JESUS: pela parte da Epistola está a Capela do Santo Lenho, a de São Domingos, e de Sam Bras, e a da Senhora dos Prazeres. Tem esta Igreja tres naves sustendas (sic) em seis colunas de pedra de cantaria: e duas Irmandades huã do Santissimo Sacramento, e outra da Senhora do Rozario, além da das almas.

8.º O Parocho he Reitor, e tem anexa á Reitoria huma mea Pebrenda da mesma Sé, pelo que se domina Conego Reitor: a apresentação deste Beneficio he da alternativa da Sé Apostolica, e dos Senhores Bispos deste Reino: renderá hu anno por outo trezentos mil reis.

9.º Tem esta Santa Igreja trinta Prebendas, que se achão devididas por sete Dignidades a saber Deam, e Arcediago do Bago, Chantre, Tezoureiro Mor, Mestre Escola, e Arcediago de Tavira, e Arcediago de Lagos: e por dezaseis Conegos, seis meios Prebendados, dês Beneficiados quartanarios, e seis meninos do coro; entrando nesta conta huma Prebenda que está anexa ao Deado. Tem mais seis Capelães, hum Cura, ou Coadjutor do Conego, Reitor, e dous Sanchristaens. A renda de cada Prebenda he ordinariamente quatrocentos e quarenta mil reis. A apresentação das Dignidades, Conegos, meios Prebendados, e Beneficiados quartanarios, he da alternativa de sua Santidade, e do Ordinario; excepto o Deado que he privativo da Sé Apostolica: e a apresentação dos Capelaens pertence ao Reverendo Cabido, e do Cura ao Ordinario.

10.º Nesta Cidade no dstricto desta freguezia ha dous Conventos, hum de religiosos de Sam Francisco da observancia, e outra de religiosas da primeira regra de Santa Clara, sugeitos ao Provincial de Xabregas: ambos se achão aruinados, pelo terremoto do 1.º de Novembro de 1755, e o das religiosas inhabitavel: por cuja causa o Excelentissimo Senhor Arcebispo Bispo deste Reino as fez recolher em as cazas de huma quinta pegada nesta mesma Cidade, mandando lhe fazer á sua custa os comodos necessarios para a sua assistencia, na qual se concervão. O Padroeiro do Convento das religiosas he a Rainha Nossa Senhora: o Convento dos Religiozos não sei tenha Padroeiro.

11.º Pelo que respeita ao Hospital se responde no papel que vai ao diante.

12.º Pelo que diz respeito á Caza da Mizericordia, vai respondido no mesmo papel.

13.º Tem esta freguezia tres Ermidas dentro na Cidade: a saber, a Senhora do Pé da Cruz com sua Irmandade, a qual Ermida he do povo: a da Senhora do O, que he dos mariantes, e administrada por elles; e a da Senhora do Repouzo, que administra o Senado da Camera. Fora da Cidade, e nos suburbios della, tem quatro Ermidas; que são a de Santo Antonio pertencente ao dito Senado da Camera: a da Santissima Trindade, que he do povo: a de São Luiz, Bispo de Tolosa, tambem do povo: e a de São Christovão em hua quinta do Guarda Mor da Saude Diogo Mascarenhas, e por isso pertencente a elle.

14.º A estas Ermidas acode pouca gente de romagem pelo decurço do anno, excepto a da Senhora do pé da Cruz, que he frequentada de muito povo todos os dias :nos da festa dos seus Oragos, que se celebrão nos

mesmos dias em que os tras o calandario, são vezitadas de grande concurço do povo.

15.º Os fructos da terra, que os moradores recolhem em mais abundancia, são trigo, cevada, vinho, figo, azeite, amendoa, laranja, e farroba.

16.º Tem Ouvidor, que serve tambem de Provedor: tem Juiz de fora, e Senado da Camara: tem Juiz da Alfandega, Juiz da Portagê e Guarda Mor da Saude. Tem Provizor, Vigario Geral, e Juiz dos Residuos.

17.º He Cabeça de Concelho e de Comarca.

18.º Não ha couza, que declarar a este interrogatorio.

19.º Tem duas feiras: a primeira chamada da Senhora de Carmo, e principia a 16 de Julho: a segunda chamada de Santa Eiria, e principia a 20 de Outubro: cada huma dellas dura tres dias, e ambas são cativas.

20.º Tem Correio, que chega ao Domingo, e parte á terça feira de todas as semanas.

21.º He esta Cidade de Faro a Capital do Bispado do Algarve, e dista da de Lisboa Capital do Reino quarenta legoas.

22.º Não tem esta Cidade privilegio algum ou prerrogativa digna de memoria, mais que o privilegio, que concede aos seus moradores a Ordenação do Reino livro 2.º titulo 6.º inprincipis.

23.º Não tem esta freguezia lagoa, nem fonte alguma: para beber, e para o mais serviço, e ortas, se servem de agoa tirada de possos, dos quaes ha grande abundancia.

24.º O porto, ou Bahia desta Cidade fica pegado na mesma: he de pouco fundo, e por isso não vem a elle Navios grandes, mas sim só Navios pequenos, e Hyates, Balandras, e Caravelas; e poderá admetir juntas athe sesenta embarcações. A barra fica distante da Cidade huma legoa para a parte do nascente defrontando com o lugar de Olhão: a barra nova fica ao Sul em distancia de outra legoa: e a barreta fica ao Sueste tambem em distancia outra legoa: todas estas barras são de area, e pelas duas ultimas só entrão, e saem as embarcações dos pescadores. Frequentão este porto além das embarcações dos moradores deste Reino, varias embarcações Inglezas, Olandezas, Espanhoes, e muitas Cathalaãs na occasião da pescaria do Atum.

25.º He esta Cidade Praça de Armas: a sua fortificação he antiga, e irregular com varios baluartes na face das cortinas da muralha; sem flancos (sic), que a fação defençavel, nem outra alguma obra exterior, alem da dita muralha; por se haver intupido já de a muitos annos pela parte da terra o foço, que nas marés cheas se enchia de agoa. O material das suas muralhas he taipa tão forte, e tão ligada, que excede ás durezas das mesmas pedras; com esta fortificação, ou Cidadela, a que chamão Villa a dentro, prende o Castelo, onde ha outros baluartes, que mostrão ser de fabrica mais moderna, pois todos são de pedra, e cal. As torres que há no seu dstricto, para a parte do mar, são a fortaleza de São Lourenço da barra que se arruinou muito no terremoto; e o forte de Armona, que antes de se acabar lhe comeo o mar o pavimento, e se arruinou a grande parte da obra, que estava feita, ficando inutil. Para a parte de terra huma legoa ao Norte, junto ao lugar de Estoy, está a Torre de Milreo, que se prezume ser huã Atalaya dos Mcuros para vegiarem a embocadura das gargantas da Serra de São Bras. Outra legoa a Leste fica a Torre de Marim, que mandou fundar El Rey D. Diniz, talves para descubrir no mar os Piratas de Africa, o que se infere

pelo sitio, e figura da sua fabrica. Hoje he Senhor desta Torre João Carlos de Miranda com huã quinta, a que se anexou, e na sua caza se conserva, com o nome de Morgado de Marim.

26.º No terremoto de primeiro de Novembro padeceo esta Cidade huã total ruina em todos os seus edificios, e cazas: teem se reedificado a maior parte delles, e se vao continuando em reedificar, e reparar os mais, que pertencem a particulares: porque dos publicos, e que pertencem às Magestades, como são muralhas, Castelo, quarteis, corpo da guarda, Almazens, Alfandega, e Cadea, só se reedificou o Corpo da guarda, a guarda do poço das Naus, a guarda do Castelo, e dous Armazens Reaes por ordem do Ex.^{me} Senhor Arcebispo Bispo deste Reino no tempo, que teve o Governo delle.

27.º Não ha mais couza alguma digna de memoria.

Pelo que toca á Serra

1.º Não tem esta freguezia nos seus lemites Serra alguma.

Pelo que toca a Rio

1.º Não tem esta freguezia Rio algum de agoa doce: e os moinhos, de que se serve, são de agoa salgada, em numero de doze, todos vezinhos a esta Cidade; huns com duas pedras, e outros com quatro.

Seguem-se as noticias pertencentes ao Hospital, e Caza da Mizericórdia».

2.1

«Notícias sobre a Mizericordia, e Hospital de Faro

Como no qual incendio que padeceo esta Cidade; pella invazão que fizeram os Inglezes em 25 de Julho de 1596. Com o qual se queimarão todos os papeis antigos, e documentos que hauia em todos os lugares publicos, Archivus, e Cartorios, tambem ouve o mesmo descuido em esta Santa Caza da Mizericordia; na guarda dos papeis que restarão do dito incendio, como he notorio: sem embargo do que se acha que (sic)

MIZERICORDIA

Fundou a Igreja, e Caza desta Santa Mizericordia O Illustrissimo Senhor Dom Affonso de Castello Branco, Bispo que foy deste Bispado do Algarve, em os annos de 1581 the o de 1585; fora muitas obras pias que nesta Cidade fes, como se ue pellas suas armas, e dipois foy promovido para Bispo de Coimbra, e Conde de Arganil e Vizo Rey, que foy deste Reino

de Portugal; por seu falecimento lhe manda dizer todos os annos á Meza, huã Missa Cantada por sua alma, a que se não tem faltado the ao presente.

HOSPITAL

Pellas tradições antigvas, e noticias que se tomarão das pessoas mais annozas desta Cidade e algumas memorias dos Livros da Santa Caza, se acha que foy Instituidor do Hospital, em as mesmas Cazas, em que uivia contiguas com a limitada Igreja, que em aquelle tempo era a Caza da Mizericordia, the ao anno em que O Illustrissimo Senhor D. Affonso de Castello Branco, como asima disemos, a erigio em O Magnifico Templo, que hoje emnobrece este povo, hum cidadão das mais nobres familias desta Cidade, cujo nome senão sabe, por faltarem os papeis do Archivo desta Santa Caza, que perecerão no incendio, que os Inglezes fizerão nesta Cidade, de que ja fizemos menção e se acha na memoria das Obrigações da mesma Santa Caza em que se manda dizer hua Missa Cantada todos os annos pella alma do Instituidor do Hospital, e he a primeira obrigação que se acha na taboa dellas, e se acha por noticia que não só deixou as Cazas em que uivia mas todos os seus bens deo ao Hospital.

RECOLHIMENTO

A instituidora do Recolhimento das Recolhidas, foy Catherina da Fonseca Henriques, Viuva de Simão Sueiro de Souza, das principaes familias desta Cidade, moraua na Villa dentro della, na rua que uay para os Seleiros que hoje tem Nome de rua do Mosteirinho, nelle uivarão algumas molheres na companhia da dita Catherina da Fonseca Henriques e por seu falecimento deyxou por admenistrador, e padroeiro do dito Recolhimento, a Joze Doria de Caminha com as condições declaradas no testamento com que a dita faleceo, e o dito Joze Doria de Caminha: E porque os Senhores Perlados, não acharão capas a Obra, nem o sitio, não teue efeito o dito Mcsteirinho; o que coniderando o Illustrissimo Senhor D. Francisco Barretto, segundo do nome, Bispo que foy deste Bispado do Algarve, e Provedor que foy desta Santa Caza, mandou continuar por sua conta a obra, que estaua principiada em esta Santa Caza, mayor para o Hospital e Recolhimento de Donzellas, em que gastou pasante de nove centos mil reis e acabada a dita obra, se recolherão algumas donzellas, com sua Regente, que permanecerão no dito Recolhimento the ao tempo do falecimento do dito Illustrissimo Senhor Bispo, por cuja conta correo sempre o sustento das ditas Recolhidas, e como faltou este se recolherão as ditas donzellas a suas cazas; e emquanto estas estiuerão no dito Recolhimento se curauão os enfermos em Outro Hospital que se fes contiguo à mesma Obra.

O Emminentissimo Senhor Cardeal Pereira, sendo Provedor da Santa Mizericordia no anno de 1733; mandou reedificar de algumas faltas o dito Recolhimento, e fes nelle vareas obras à sua custa, que passou a despeza de tres mil curzados, no mesmo meteo 14 donzellas, com sua Regente, molher muito graue, e das mais nobres familias da Villa de Loulé; no dito Recolhimento se conceruarão, mantendo as à sua custa o mesmo Emminentissimo Senhor the ao seu falecimento, dipois do qual se forão algumas, e ficarão sinco, a quem a Meza da Mizericordia sustentou muitos annos, the

o de 1754; que sendo auizadas de que as não podião remediar por não ter a Santa Caza renda que abrangesse a ellas, se deixarão ficar sustentando se à sua custas e de seu trabalho. The ao primeiro de Novembro de 1755, que tudo cahio com o formidauei Terremoto daquelle dia, escapando todas.

A Meza à custa das rendas da Caza, Valendo se do grande respeito do Excelentissimo e Reverendissimo Senhor D. Frei Lourenço de Santa Maria Arcebispo Bispo deste Bispado; Provedor da Santa Caza, a cujo Cargo estava naquelle tempo o Gouerno das Armas deste reino do Algarue; mandarão reedificar a Igreja, Hospital, Recolhimento, e mais ofecinas, em que se gastarão mais de sete mil cruzados, dos quaes deue ainda grande somma: e o Recolhimento achace sem donzellas, por não hauer quem as mantenha.

Como a mayor parte das rendas da Misericordia, Hospital, eram impostas em moradas de Cazas e destas muitas se arazarão, e quaze inhabitaveis ficàrão outras, com aquelle referido Terremoto; se diminuhio muita parte da pouca renda que tinhão, e não se pode abranger a todas as Obrigações, com o que somente tem de 645\$825 reis, os quaes se não podem anualmente cobrar todos, e por isso estão muitas pensões por satisfazer de Cappellas obrigadas, e outras ainda que the ao presente se não tem faltado com o curativo dos enfermos, que se aceitão no Hospital.

Não ha couza especial, ou notavel de que mais se de conta segundo a proposta.

Estas são as noticias que pude descobrir sobre o que se pergunta nos interrogatorios. Faro ao primeiro de Julho de 1758.

Manuel de Almeida Pinho Tavares
Conego Reytor»

2.2

«1758

Faro

Freguezia de S. Pedro da Cidade de Faro

- 1 He Cidade Episcopal do Reino do Algarve, e Cabeça de Commarca.
- 2 He terra da Serenissima Rainha Nossa Senhora, e de sua jurisdiçam.
- 3 Tem duaz freguezias, a da Sancta See, e a de S. Pedro; esta de S. Pedro, em que he Parocho actualmente e rezide há quarenta annos Bartholomeu Rodriguez Vasquez, Freire Conventual da Ordem Militar de Santiago, natural da notavel Villa de Serpa, Arcebispado de Evora Provincia do Alentejo, consta de sette centos e quarenta e sette vezinhos, e de duas mil novecentos, e sincoenta e huma Pessoas de hum e outro sexo: conforme os rois da sua desobriga.
- 4 He porto de mar, e se acha situada e plantada ao comprido por junto da Praya ou margem em que suas agoas batem. De dentro da Cidade se nam descobrem povoações algumaz, ainda que do mais alto de algum de seos edificios se avistam os lugares de Olham, Estoy, e S. Bras de Alportel.

5 Tem termo proprio que comprehende os Lugares de S. Bras em distancia de duas legoas; Estoy em distancia de huma legoa; e Olham em distancia de outra legoa mayor.

6 A Parochia está dispersa por dentro e fora dos muros da Cidade discorrendo para a parte do poente, e norte; e nos limites della nam há lugar, ou Aldéa alguma.

7 O Orágo do Templo principal della, he o Sagrado Appostolo Vigario de Christo S. Pedro, cujo templo era dos mais magnificos que na Cidade havia, de tres naves, que ao prezente se acham com todo o tecto delle no cham por occasião do terremoto do primeiro de Novembro de mil e settecentoz e sincoenta e sinco. Há nelle ainda, alem do altar mayor, em que se achavam colocadas as Imagens do Pincipe (sic) dos Appostolos sobredicto; a de S. Pedro Gonçalues cu Corpo Sancto; a do Santissimo Coraçam de Jesus; e a de Deos oito altares mais, a saber o do Santissimo Sacramento em que se fazia novc retabolo e se continua; o de S. Pedro do pulgam (Sic); (2) e do invicto matir (sic) S. Vicente; o de Sancta Luzia; o das Sanctas almas; o da Nossa Senhora dos Remedios; o da Nossa Senhora da Conceyçam; e o da Nossa Senhora da Victoria. E as confrarias que na mesma Igreja se acham canonicamente erectas sam as seguintes: a do Corpo Sancto dos nobres mariantes, a Casa do Compromisso; a dos clérigos a que chamam Congregação de S. Pedro; a de Nossa Senhora da Conceyção; a da Senhora Sancta Anna; a da Victoria; a de Deos Minino; a do Santissimo Sacramento; a das Sanctas almas; a de S. Vicente; e a do Sancto Coraçam de Jezus des por todas.

8 O Parocho da mesma he Prior apprezentado por Sua Magestade como Gram Mestre e perpetuo Administrador que he da Ordem militar de Santiago de espada, de cujo Padroado he a dita Igreja. Tem esta de renda certa em cada hum anno duzentos e vinte e sinco alqueires de trigo; cento e sincoenta alqueires de cevada; cem almudes de mosto; dezanove mil e trezentos reis em dinheiro; e a metade do pee do altar: e alem disto percebe mais nas Igrejas Parochiais de S. Bras, de Estoy, de Sancta Barbara, de S. Joam da Venda, de Olham, de Quelfez, e de Pexam suas anexas a metade do pee do altar, que a outra metade pertense á Mitra e Cabido da Cathedral em reconhecimento do que a dita Igreja de S. Pedro he huma das da composição deste Reino do Algarve estabelecida entre a Ordem e os Excelentissimos Prelados desta Deoceze, como a houve tambem a respeito da Tezouraria da mesma Igreja que por vontade della he da apprezentaçam dos Excelentissimos Deocezanos; paga porem do primeiro á custa de ambas as Mezas scilicet (*) Mestral e Episcopal.

9 Tem sette Beneficeados a saber, dois Curados da ordem que tem de renda certa cada hum por anno noventa e sette alqueires e meyo de trigo, oitenta e quatro almudes de mosto, e des mil reis em dinheiro com a setima parte do mesmo pee do altar da dita Igreja de S. Pedro: e sinco simpleces; hum que tem de renda certa oitenta e dois alqueires e meyo de trigo, oitenta e quatro almudes de mosto, seis mil reis em dinheiro e uma setima parte da metade do pee do altar da mesma: Dois que tem de renda certa cada hum por anno settenta e dois alqueires, e meyo de trigo, sincoenta e seis almudes de mosto, e dois tostons em dinheiro com a setima parte da metade do pee do altar: E outros dois aprestimados, que percebem Dizimos e costumam dar a rendador. Em que ordinariamente

rende trezentos mil reis; e outros duzentos: delles todos, entrando os curados, he sua Magestade Como Gram Mestre da Ordem sobredita quem appresenta quatro; e os tres são da appresentação dos Excelentissimos Prelados Deocezanos e Sancta See Apostolica conforme o tempo em que elles vagam.

10 Tem esta Cidade tres Conventos; Hum de Religiozos observantes; outro de Capuchos da Provincia da piedade; e o outro de Religiozas Capuchas deste Sam Padroeiras as Serenissimas Senhoras Raynhas deste Reyno; e dos dois antecedentes as suas Provincias por agora.

11 Nella há Hospital, e Caza da Mezericordia que administram os

12 Provedores e Irmãos da Meza: Sua origem, e rendas constarão dos livros e mais papeis de seo archivo.

13 As Ermidas que ha na mesma, pertencentes a esta Matriz de S. Pedro da parte de dentro dos muros ou vallas, são a de Nossa Senhora do Carmo em que os seos Irmãos terceiros fazem os seos exercicios spirituais: a da Nossa Senhora da Esperança; e a da Sancta Maria Magdalena: e extramuros, a de S. Sebastião em que hoje rezide a Parochia por se achar aruinada notabilizou a Igreja de S. Pedro sobredita: a do Senhor do bomfim que o Dezembargador Verissimo de Mendonça Manoel fez fabricar e dotou com authoridade da Ordem, e Deocezano: a de S. Gonçallo que com as mesmas Licenças fez fabricar o Cappitam Mancel Lopez Mendonça, e a dotou: a de S. Miguel da Caza da Saude. Ermida antiquissima de quem hoje tratam os herdeiros do Cappitam Francisco Bolhim possuidores da Quinta que lhe fica contigua e para donde tem perta de serventia ou comunicação assim como o faziam todos os outros seos antepossuidores Senhores da mesma quinta.

14 Romagem só a há e costuma concorrer á Ermida de Nossa Senhora do Carmo no seo dia dezasseis de Julho por occasião da sua festividade, e feira que ao redor da mesma Ermida se faz no mesmo dia.

15 Figo, amendoa, e farroba são os frutos que em mayor abundancia aqui se colhem.

16 Tem Juiz de fora, Camara, e Ouvidores postos e providos pella Serenissima Rainha Nossa Senhora.

17 He Cidade principal do Algarve, Episcopal, e cabeça de Commarca como assima se declara.

18 Dicunt Paduani. (4)

19 Tem feira em dezasseis de Julho tres dias, e em vinte e hum de Outubro tres dias, ao presente ambas cativas.

20 Tem Correyo que chega no Domingo á noite e parte na terça feira seguinte ao meyo dia.

21 Dista de Lisboa Cidade Capital do Reyno quarenta legoas.

22 Tem todos os seos moradores, e de todo o Algarve o privilegio de Homenagem por Cavaleiros Africanos.

23 Nihil primum esse videri. (5)

24 He porto de mar que frequentam quazi todas as nações.

25 He murada, ou circunvalada pella parte da terra muito ao moderno com seo muro feito á escarpia, mas com muitas rasgadas, em sua mayor parte destruido. Tem seu Castelo serrado com muralha antiga, suas torres e baluartes, mas todas ellas muito destruidas e aruinadas por occaziam do terremoto do anno de mil setecentos e sincoenta e sinco.

26 Toda ella padeceo por occaziam deste mesmo terremoto, ruina notabilissima em seos templos e edificios, que ainda em muito pouca parte se acham restituídos, posto que muito se cuida no seo reparo.

Prior Bartholomeu Rodriguez Vasquez»

INTERROGATÓRIOS ENVIADOS AOS PÁROCOS DEPOIS DO TERREMOTO DE 1755

3.1

O que se procura saber dessa terra é o seguinte:

Venha tudo escrito em letra legível, e sem breves

1. Em que província fica, a que bispado, comarca, termo e freguesia pertence?
2. Se é del-rei, ou de donatário, e quem o é ao presente?
3. Quantos vizinhos tem [e o número das pessoas]?
4. Se está situada em campina, vale, ou monte, e que povoações se descobrem dela, e quanto dista?
5. Se tem termo seu, que lugares, ou aldeias comprehende, como se chamam, e quantos vizinhos tem?
6. Se a Paróquia está fora do lugar, ou dentro dele, e quantos lugares, ou aldeias tem a freguesia, todos pelos seus nomes?
7. Qual é o seu orago, quantos altares tem, e de que santos, quantas naves tem; se tem Irmandades, quantas, e de que santos?
8. Se o Pároco é cura, vigario, ou reitor, ou prior, ou abade, e de que apresentação é, e que renda tem?
9. Se tem beneficiados, quantos, e que renda tem, e quem os apresenta?
10. Se tem conventos, e de que religiosos, ou religiosas, e quem são os seus padroeiros,
11. Se tem hospital, quem o administra, e que renda tem?
12. Se tem casa de Misericórdia, e qual foi a sua origem, e que renda tem; e o que houver notável em qualquer destas cousas.
13. Se tem algumas ermidas, e de que santos, e se estão dentro, ou fora do lugar, e a quem pertencem?
14. Se acode a elas romagem, sempre, ou em alguns dias do ano, e quais são estes?
15. Quais são os frutos da terra que os moradores recolhem em maior abundância?»
16. Se tem juiz ordinário, etc., camara, ou se está sujeita ao governo das justiças de outra terra, e qual é esta?
17. Se é couto, cabeça de concelho, honra, ou behetria?

18. Se ha memória de que florescessem, ou dela saíssem, alguns homens insignes por virtudes, letras, ou armas?
19. Se tem feira, e em que dias, e quantos dura, se é franca ou cativa?
20. Se tem correio, e em que dias da semana chega, e parte; e, se o não tem, de que correio se serve, e quanto dista a terra onde ele chega?
21. Quanto dista da cidade capital do bispado, e quanto de Lisboa, capital do reino?
22. Se tem algum privilégio, antiguidades, ou outras cousas dignas de memória?
23. Se ha na terra, ou perto dela alguma fonte, ou lagoa célebre, e se as suas águas tem alguma especial qualidade?
24. Se for porto de mar, descreva-se o sítio que tem por arte ou por natureza, as embarcações que o frequentam e que pode admitir?
25. Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se ha nela, ou no seu distrito algum castelo, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente?
26. Se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755, e em que, e se está reparados?
27. E tudo o mais que houver digno de memória de que não faça menção o presente interrogatório.

3.2

O que se procura saber dessa serra é o seguinte:

1. Como se chama?
2. Quantas léguas tem de comprimento, e quantas de largura; onde principia, e onde acaba?
3. Os nomes dos principais braços dela?
4. Que rios nascem dentro do seu sitio, e algumas propriedades mais notáveis deles; as partes para onde correm, e onde fenecem?
5. Que vilas e lugares estão assim na serra, como ao longo dela?
6. Se ha na serra minas de metais, ou canteiras de pedra, ou de outros materiais de estimação?
8. De que plantas, ou ervas medicinais é a serra povoada, e se se cultiva em algumas partes, e de que géneros de frutos é mais abundante?
9. Se ha na serra alguns mosteiros, igrejas de romagem, ou imagens milagrosas?
10. A qualidade do seu temperamento?
11. Se ha nela criações de gados, ou de outros animais, ou caça?
12. Se tem alguma lagoa, ou fojos notaveis?
13. E tudo o mais que houver digno de memória.

3.3

O que se procura saber do rio dessa terra é o seguinte:

1. Como se chama, assim o rio, como o sitio onde nasce?
2. Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o ano?
3. Que outros rios entram nele, e em que sitio?
4. Se é navegável, e de que embarcações é capaz?
5. Se é de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distância, ou em alguma parte dela?
6. Se corre de norte a sul, se de sul a norte, se de poente a nascente, se de nascente a poente?
7. Se cria peixes, e de que espécie são os que traz em maior abundância?
8. Se ha nele pescarias, e em que tempo do ano?
9. Se as pescarias são livres, ou de algum senhor particular, em todo o rio, ou em alguma parte dele?
10. Se se cultivam as suas margens, e se tem muito arvoredado de fruto, ou silvestre.
11. Se tem alguma virtude particular as suas águas?
12. Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamam estas, ou se ha memória de que em outro tempo tivesse outro nome?
13. Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sitio em que entra nele?
14. Se tem alguma cachoeira, represa, levada, ou açudes que lhe embarquem o ser navegável?
15. Se tem pontes de cantaria, ou de pau, quantas, e em que sitio?
16. Se tem moinhos, lagares de azeite, pisões, noras, ou outro algum engenho?
17. Se em algum tempo, ou no presente, se tirou ouro das suas areias?
18. Se os povos usam livremente das suas águas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão?
19. Quantas léguas tem o rio, e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba?
20. E qualquer outra cousa notável que não vá neste interrogatório.

-
- (1) — Santos, Mariana Amélia Machado — Alexandre Herculano e a Biblioteca da Ajuda, in «O Instituto», vol: 127.º, tomo 1.º, Coimbra, 1965, p. 117-135.
(2) — O Bispo do Algarve, em 1712, havia relacionado as capelas da Igreja de S. Pedro, pelo que ficou a constar que uma capela do cruzeiro era também de invocação de S. Pedro, com a imagem do dito santo advogado contra o pulgão.
(3) — Isto é
(4) — Digam os paduanos
(5) — Em princípio nada parece constar
(6) — In «Arqueólogo Português», vol. I; Lisboa, 1985, p. 267-271

Composição e Impressão
Tipografia União - Folha de Domingo, Lda.
F A R O — 1988